

17

Clara

I

Zeferino olhava, olhava... Tudo em derredor fazia pensar. Pensar no passado, voltar aos anos esquecidos...

Quarto penumbrento. Piso de tijolos, manchado e sujo. Cheiro de perfume e mofo. Pia descascada a um canto. Roupas humildes dependuradas em mancebo de pés quebrados. Pequena mesa com gaveta entreaberta, mostrando grande cópia de objetos miúdos. Em mesa próxima, sobre o forro pisado, podia ver no lusco-fusco várias caixinhas de cosméticos, vidros de água-de-colônia, pó-de-arroz, escovas...

Retratos pendendo de parede defronte.

E, sob a lâmpada de poucas velas, os olhos de Zeferino pervagavam no espaço estreito, recordando, recordando...

II

Como se lembrava!...

O convite partira do dono da casa, seu velho amigo Nicão: "Vamos! Você nunca observou um fenômeno mediúnico... Vamos!"

Tentara esquivar-se, mas a insistência afetuosa vencera: "Vamos, você fará uma idela... Minha esposa é médium... Será interessante!"

E lá se fora pela primeira vez. E pela primeira vez ouviu a palavra de Felício, o amigo espiritual infatigável, através da jovem esposa de Nicão. D. Clara, a médium, em seus vinte anos incompletos, era moça inteligente e afável. Incorporando a personalidade de Felício, fornecera-lhe tamanhas demonstrações da sobrevivência, além da morte, que ele não pudera resistir à verdade. E o grupo, mais unido, passou a reunir-se duas vezes por semana. União e alegria. Trabalho e fraternidade.

Fora, ali, na singela residência de Nicão, que nascera realmente o templo espírita em que ele viu a razão da própria existência.

Recordava a inauguração da sede.

A felicidade transbordava como sol.

D. Clara pedira a construção de dois aposentos anexos à parte dos fundos. "Seria a semente de um albergue maior" — dissera, sorrindo. E ali, a casa recebeu os primeiros enfermos da rua. Dois quartos, em que ele e os companheiros exercitavam a caridade, ao pé dos sofrendores anônimos, aplicando socorros magnéticos e lavando feridas.

Depois, quando o templo ainda não completava dois anos, Nicão desencarnou de repente.

A princípio, D. Clara sustentou-se, mas, após alguns meses de solidão, ela, que não tivera filhos, desertou da obra espiritual.

Se procuravam por ela para a reunião, estava esgotada, temia o mau tempo, ia receber um parente ou tinha dor-de-cabeça.

A moradia, dantes calma, dava festas inconvenientes, enchendo-se de rapazes e moças alegres.

Ele, Zeferino, e os irmãos de ideal compreenderam tudo, por fim...

III

Há quanto tempo acontecera isso?...

Respondia-lhe a memória: "vinte anos! vinte anos!..."

Quantos acontecimentos, após a fundação!

Sentado no tamborete capenga, rememorava os seus vinte e tantos anos de conhecimento espírita!...

Primeiros livros. Primeiras responsabilidades. Primeiros contactos da própria família com a Doutrina Espírita. Primeiros sintomas da própria mediunidade... O primeiro passe que administrou, em prece e lágrimas... O templo progredindo... Novos cooperadores. Novas experiências. A compreensão melhor

do povo, a família de Jesus. Lutas. Dificuldades. Amadurecimento da fé. Certeza no "Mundo de Lá". Gratidão aos princípios renovadores...

Mergulhando em reflexão, notou que alguém chegava... Era uma senhora de olhar desconfiado e humilde, mostrando lábios e cabelos pintados, a esconder um cigarro na mão fincada às costas.

— O senhor acha que Clarita melhora? — perguntou.

— Quem sabe? — respondeu Zeferino — confiemos em Deus.

Mas a conversa não prosseguiu porque alguns companheiros entraram carregando velha maca.

Zeferino levantou-se.

Penetrou o quarto em que D. Clara agonizava... No corpo que a tuberculose aniquilara, só os olhos faziam lembrar a antiga Dona Clara...

Ossos pontudos punham o esqueleto à mostra.

A doente trazia a garganta sufocada pela dispneia, mas a imensa lucidez do olhar falava de seu profundo reconhecimento aos amigos.

IV

A maca, em que colocaram a enferma,

atravessou várias ruas, sob a curiosidade popular.

Por fim, o cortejo parou no pátio interno do templo espírita, à porta do abrigo que Dona Clara mandara construir em outro tempo.

Senhoras acolheram-na com bondade. Vários irmãos surgiam, prestimosos.

Cícero Pontes, presidente do conselho da instituição, chamou Zeferino à parte e falou baixinho:

— Mas escute... Esta mulher aqui...

Zeferino, porém, respondeu decidido:

— Esta mulher tem que ficar aqui mesmo... Esta mulher foi a esposa de Nicão... Você ou eu podíamos estar no lugar dele e tanto minha esposa quanto a sua podiam estar no lugar dela... Vamos dar graças a Deus de poder ajudar. Ela veio para a casa que ela própria construiu. Está no que é dela. E, quando assim não fôsse, tem mais direito ao templo do que nós, por ser mais sofredora. Jesus não veio para curar os sãos...

— Mas, mesmo na Doutrina... — tornou Pontes, reticencioso.

— Doutrina é luz de Deus, mediunidade é trabalho dos homens — replicou Zeferino, sereno. — A cidade inteira sabe que Dona Clara errou, todos sabemos que ela abandonou os seus deveres, mas é nossa irmã e a nossa obrigação é estender os braços...

V

Alguém chegou, procurando por Zeferino e Pontes. O médico, que haviam chamado, queria conversar.

O facultativo anunciou que nada tinha a fazer.

A doente estava no fim...

A comunidade, expectante, cercava o leito, Dona Clara, envolvida em lençóis muito brancos, denunciava extrema lucidez nos grandes olhos.

Sim, tudo em torno despertava saudade! O aposento guardava as mesmas disposições de sua escolha. As paredes cor-de-rosa. A janela ampla trazendo o ar perfumado das laranjeiras. Na mesa pequena, que ela própria comprara vinte anos antes, estavam as flores com que ela e Nicão esperavam pelos doentes...

D. Amália, uma das irmãs da primeira hora, conhecia-lhe os amigos e tudo fizera para que a enferma se sentisse à vontade.

A agonizante inteirou-se.

Alguém pediu a oração.

D. Amália cochichou aos ouvidos de Zeferino, informando que Dona Clara e Nicão estimavam fazer juntos a prece de Cáritas, nas ocasiões difíceis.

E Zeferino, de pé e cabeça erguida, orou em voz alta:

"Deus, Nosso Pai, que tendes poder e bondade, dai força àquele que passa pela provação, dai luz àquele que procura a verdade, ponde no coração do homem a compaixão e a caridade.

Deus, dai ao viajor a estrela guia, ao aflito a consolação, ao doente, o repouso.

Pai! dai ao culpado o arrependimento, ao espírito a verdade, à criança o guia, ao órfão o pai.

Senhor, que a vossa bondade se estenda sobre tudo o que criastes.

Piedade, Senhor, para aquele que vos não conhece, esperança para aquele que sofre. Que vossa bondade permita aos Espíritos consoladores derramarem, por toda a parte, a paz, a esperança e a fé.

Deus! um raio, uma faísca do vosso amor pode abrasar a Terra; deixai-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita, e todas as lágrimas secarão, todas as dores se acalmarão; um só coração, um só pensamento subirá até vós, como um grito de reconhecimento e de amor.

Como Moisés, sobre a montanha, nós vos esperamos com os braços abertos, oh! poder, oh! bondade, oh! beleza, oh! perfeição, e queremos, de alguma sorte, alcançar a vossa misericórdia.

Deus, dai-nos força de ajudar o progresso, a fim de subirmos até vós! dai-nos a caridade

pura, dai-nos a fé e a razão, dai-nos a simplicidade que fará das nossas almas o espelho que possa refletir a vossa imagem. Assim seja."

Os circunstantes choravam...

Dona Clara tinha a face coberta de palidez indefinível, como se fôsse clareada por diferente luz.

Pouco a pouco, o peito asserenou-se.

Todos pensavam em Nicão e decerto que o Espírito amigo e generoso estava presente, mas todos fixavam o semblante da morta, no qual se estampara fundo vinco de amargura e arrependimento, enquanto dos olhos embaciados e tristes manavam grossas lágrimas...

